

ESPAÇO ABERTO

‘Os planos de saúde estão mortos. Vivam os planos!’

Thiago Lavras Trapé

Não, este artigo não é uma ode aos planos de saúde. A frase faz alusão ao símbolo de manutenção da monarquia, exaltando a instituição e suas regras, mesmo diante da hecatombe (*O rei está morto, vida longa ao rei!*).

Os planos de saúde são responsáveis por 26% da popula-

ção induz o seu uso e não existe horizonte que altere esse reinado. Mas há que dizer: o rei está nu!

Hoje é fácil de pautar e debater a crise, pois os péssimos resultados econômicos dos planos de saúde – que são o motor de uma cadeia produtiva extensa – fazem com que esta seja a pauta em jornais, redes sociais

A hecatombe era anunciada e se soma a uma agência frágil, burocrática e cartorial, que não se propõe a apoiar as mudanças sistêmicas do setor

palavras em inglês, comuns das multinacionais, que tentam – mais do que resolver as pendências – vender influência, consultorias e cursos.

O setor – emprestando um termo que escutei de um executivo do setor – é um grande *rouba monte*, referência ao jogo que consiste em aumentar sua quantidade de cartas utilizando-se das cartas do adversário. Nesta tensa disputa entre operadoras e prestadores, a desconfiança é mútua, intermediada por contratos em grande parte bem construídos juridicamente, mas sem lógica para o propósito central, que é garantir acesso e cuidados aos pacientes com as melhores evidências e custos disponíveis.

Nesta disformidade, os altos custos gerados pela inefi-

com a ausência de programas estruturados de gestão de pacientes crônicos, com poucas linhas de cuidado, que ajudariam a organizar o itinerário de grupos específicos, que demandam bastante dos serviços; com sistemas de informação fragmentados; baixíssima inovação incorporada; raros planos com modelo de acesso por atenção primária; ínfimos investimentos em prevenção. É um modelo que premia a rapidez, o volume e a intervenção, em detrimento da qualidade, com abordagens clínicas assertivas. Isso sem entrarmos no mérito dos muitos casos de corrupção.

Em suma, a hecatombe já era anunciada. Soma-se a tudo isso uma agência reguladora – a Agência Nacional de Saúde